



PAPERS DO NAEA

ISSN 15169111

PAPERS DO NAEA Nº 132

**GLOBALIZAÇÃO E PAÍSES EMERGENTES: UM ENFOQUE
MARXIANO NA NOVA ORDEM DO CAPITAL**

Rinaldo Ribeiro Moraes

Belém, Fevereiro de 2000

O Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) é uma das unidades acadêmicas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Fundado em 1973, com sede em Belém, Pará, Brasil, o NAEA tem como objetivos fundamentais o ensino em nível de pós-graduação, visando em particular a identificação, a descrição, a análise, a interpretação e o auxílio na solução dos problemas regionais amazônicos; a pesquisa em assuntos de natureza socioeconômica relacionados com a região; a intervenção na realidade amazônica, por meio de programas e projetos de extensão universitária; e a difusão de informação, por meio da elaboração, do processamento e da divulgação dos conhecimentos científicos e técnicos disponíveis sobre a região. O NAEA desenvolve trabalhos priorizando a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Com uma proposta interdisciplinar, o NAEA realiza seus cursos de acordo com uma metodologia que abrange a observação dos processos sociais, numa perspectiva voltada à sustentabilidade e ao desenvolvimento regional na Amazônia.

A proposta da interdisciplinaridade também permite que os pesquisadores prestem consultorias a órgãos do Estado e a entidades da sociedade civil, sobre temas de maior complexidade, mas que são amplamente discutidos no âmbito da academia.

Papers do NAEA - Papers do NAEA - Com o objetivo de divulgar de forma mais rápida o produto das pesquisas realizadas no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) e também os estudos oriundos de parcerias institucionais nacionais e internacionais, os Papers do NAEA publicam textos de professores, alunos, pesquisadores associados ao Núcleo e convidados para submetê-los a uma discussão ampliada e que possibilite aos autores um contato maior com a comunidade acadêmica.



Universidade Federal do Pará

Reitor

Cristovam Wanderley Picanço Diniz

Vice-reitor

Telma de Carvalho Lobo

Núcleo de Altos Estudos Amazônicos

Diretor

Edna Maria Ramos de Castro

Diretor Adjunto

Marília Emmi

Conselho editorial do NAEA

Armin Mathis

Edna Ramos de Castro

Francisco de Assis Costa

Gutemberg Armando Diniz Guerra

Índio Campos

Marília Emmi

Setor de Editoração

E-mail: editora_naea@ufpa.br

Papers do NAEA: Papers_naea@ufpa.br

Telefone: (91) 3201-8521

Paper 132

Revisão de Língua Portuguesa de responsabilidade do autor.

GLOBALIZAÇÃO E PAÍSES EMERGENTES: UM ENFOQUE MARXIANO NA NOVA ORDEM DO CAPITAL¹

Rinaldo Ribeiro Moraes²

Resumo:

O texto examina os aspectos teóricos e práticos do processo de globalização nos países desenvolvidos como os Estados Unidos, emergentes como o Brasil e sub-emergentes como a Guatemala. O ponto de partida da análise é o entendimento de que o fenômeno da globalização, emergido do fim da Guerra Fria, da queda do socialismo autoritário e da revolução da tecnologia da informação conduziu o mundo a uma situação de poder sem igual na história da humanidade, em que os países ricos desempenham centralmente e com “mão-de-ferro” o papel de condutor unipolar do processo de acumulação de capital. Os destaques, nesse caso, pertencem à tríade desenvolvida representada pelos Estados Unidos, Alemanha e Japão, correspondendo, respectivamente, à América, Europa e Ásia. Do outro lado, os outros destaques da análise ficam por conta do conflito de acumulação desencadeado pela Nova Ordem Mundial, entendida esta como equivalente do fenômeno da globalização, cuja ideologia é o resgate da Lei de Say do livre-mercado. Nesse ponto, em particular, a análise recorre ao referencial marxiano e terceiro mundista para tentar explicar como as crises cambiais, de emprego e da ideologia do liberalismo se estabelecem nos países emergentes e sub-emergentes e de que forma se tornam implacáveis nas questões sociais e econômicas dos países latinos e do sudeste asiático.

Palavras-chave: Globalização. Países desenvolvidos. Países emergentes.

¹ Trabalho apresentado no XIII Congresso Brasileiro de Economistas e VII Congresso de Economistas da América Latina e Caribe, Rio de Janeiro, 13 a 17 de setembro de 1999.

² Mestre em Planejamento do Desenvolvimento pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará – NAEA / UFPA

Graduado em Economia pela Universidade Cândido Mendes – Rio de Janeiro

Funcionário Público Federal e pesquisador

1. Introdução

O capitalismo, entendido como um sistema de produção, tem demonstrado nos seus últimos 20 anos de acumulação uma elevada e surpreendente capacidade de se estabelecer e se reproduzir mediante uma relação de dialética marxiana. De um lado, o sistema vem gerando acentuadamente para determinados países um quadro de desenvolvimento, riqueza e prosperidade; de outro, vem introduzindo em determinadas nações uma dimensão elevada de problemas tais como, fragilidade de formulação de política econômica, grave vulnerabilidade externa e significativo agravamento nas questões sociais como o fim do emprego. O que, de fato, está ocorrendo?

Deixando a ingenuidade de lado, deve ser dito que a condução do capitalismo sempre se desenvolveu mediante essa relação de contradição. Na verdade, a história do capitalismo é feita de contradições, onde, de um lado, se tem uma classe ou poucas nações abastadas com elevado padrão de consumo e de outro, a ocorrência de uma outra classe ou vários países imersos na zona das trevas do capitalismo. Isto posto, o que se pretende com este trabalho?

O objetivo deste texto é analisar a atual fase do capitalismo, entendida como a Nova Ordem Mundial, que tem no fenômeno da globalização a sua fiel representante. O destaque do tema é a verificação do tratamento diferenciado a que são submetidas as nações pobres e os países ricos, tendo como ponto de partida o entendimento da noção prática das novas categorias de subdesenvolvimento: países emergentes e países quarteirizados pelo capital.

O trabalho encontra-se dividido em cinco seções. A seguinte, trata do aspecto teórico e histórico do processo de globalização, interpretada em nossa leitura como uma elevada força impactante, emergida da velha ordem mundial e balizada na ideologia clássica do mercado livre, que é a própria negação do estado keynesiano.

A seção 3 discute a relação que é estabelecida entre a globalização e os países ricos, com destaque para a tríade desenvolvida da América do Norte, União Européia e Japão, ou mais precisamente, Estados Unidos, Alemanha e Japão.

A seção 4 verifica a relação estabelecida e imposta pela globalização nos países emergentes, mediante um referencial marxiano e terceiro-mundista. O entendimento nesta parte da análise recai sobre países específicos que foram recentemente afetados pelas crises cambiais, como o Brasil. A última seção apresenta o desenho geral do comportamento da globalização na atual ordem do capital.

2. Aspectos teóricos da globalização: da velha à nova (des)ordem mundial

Da forma como se apresenta na conflituosa e dinâmica ordem mundial, o fenômeno da globalização corresponde a uma lambança de conceitos que, como podemos observar, mais se aproxima da vulgarização da idéia. De fato, tudo aparenta caber na tal de globalização que se tornou uma rotina para economistas e outros cientistas sociais se aventurarem por seus caminhos.

Em princípio e acima de qualquer suspeita, a globalização não é entendida em nosso estudo como responsável pelas mazelas que são impostas pelo capital. É mais do que isso. É filha legítima da lógica e da história do modo de produção³ capitalista (Braga; 1997). Desse ponto de vista, a nossa intenção com este capítulo não é discorrer sobre uma perspectiva conceitual sobre o novo fenômeno do capital, pois, se me permitem dizer, acredito que seja muito mais interessante especular sobre seus fatores determinantes e igualmente impactantes.

Isto posto, a aventura da globalização tratada nesta obra, tem como ponto de partida a discussão do fim da Velha Ordem Internacional (Guerra Fria e conflitos ideológicos) e, sob tal aspecto, vamos discorrer nossa análise segundo as óticas econômicas, sociológicas e geopolíticas, pois o autor dessas linhas acredita que qualquer nível de preocupação com a atual ordem exposta nesta fase do capitalismo, deve ocorrer sob uma leitura multidisciplinar.

Mas quais os traços sociológicos, geopolíticos e econômicos da Velha Ordem Mundial? Será que para se entender o fenômeno da globalização é necessário apenas se ater ao período Pós-Guerra? Penso que sim! Hobsbawn (1995) destaca que a dinâmica das relações econômicas anteriores ao período da Segunda Grande Guerra não apresentava uma elevada força impactante. Baumann (1994) assinala que é somente a partir da Segunda Grande Guerra que surge a noção concreta de uma economia global. Isto posto, acredito que seja justamente essa elevada força impactante de Hobsbawn que diferencia o movimento do capital atual do período anterior estabelecido na Velha Ordem.

A percepção mais significativa da Velha Ordem e que, talvez, possa levar economista historicista à frustração é que, de fato, a face econômica das relações desenvolvidas nesse período não criaram uma convergência produtiva, cultural e financeira a nível global. A visão dominante se expressava, principalmente, na geopolítica da bipolaridade do mundo, até então entendida da seguinte forma: capitalismo versus centralismo.

³ Conceito da economia marxiana que é definido pelo conjunto das forças produtivas (instrumentos de trabalho incluindo a força de trabalho do próprio homem) e as relações de produção (conjunto de relações que os homens estabelecem entre si). De certa maneira, o modo de produção (M. P.) se confunde com a estrutura econômica da sociedade, englobando a produção, distribuição e consumo. Ao longo da história distinguem-se vários modos de produção: comunismo primitivo, escravismo, feudalismo, capitalismo e socialismo. Neste trabalho estamos examinando somente o M. P. capitalista.

O centralismo, ou o socialismo, na visão de Amorim (1994), representava o cimento ideológico do mal, onde a extinta União Soviética encarnava a figura da grande serpente ou do grande satã vermelho. Equivale a dizer que essa era a estigmatização imposta pela ordem do capital aos países de forte orientação marxista em seu sistema de produção. Do outro lado, capitaneado pelos Estados Unidos, se tinha o desenho de uma outra realidade, em que o ocidente sinalizava um quadro capitalista com uma proposta de democracia plena.⁴

O traço marcante dessa ordem internacional, mais do que a confrontação latente do bem (E.U.A) e do mal (URSS), era a luta travada pelas respectivas ideologias sobre a visão de mundo que deveria dominar a superestrutura⁵ da sociedade. Para os comunistas, a proposta para a humanidade se baseava na busca da equidade, da distribuição dos recursos por igual e outros exageros amparados sob a égide marximiana ou marxista.

A proposta do capitalismo da Velha Ordem dominante tinha um pé fincado na força do mercado, mediante um capitalismo monopolista, e outro atolado na força do Estado interventor, através de elevados investimentos em infra-estrutura. A somatória desses ingredientes teriam a capacidade de conduzir a humanidade para a aquarela do bem-estar econômico e social no atual modo de produção.

O que deve ser observado é que na Velha Ordem não se registrava, ainda, a inquietude dos ventos impostos pela globalização, entendida, esta, como a face mais madura, mais intrigante, mais inteligente, mais fantástica e mais excludente do capital. Deste ponto de vista, destacamos numa breve perspectiva histórica, quais os eventos que mais contribuíram para que a globalização fosse emplacada no período posterior, como representante oficial da nova ordem mundial.

1. Fim da Guerra Fria
2. Desmoronamento do socialismo autoritário
3. Casamento da ciência e tecnologia

Os eventos 1 e 2 correspondem a duas faces de uma mesma moeda, pois, com o fim da Guerra Fria, protagonizado, principalmente, pelos E.U.A e a URSS, materializa-se, para alguns, a vitória do neo-liberalismo (Fukuyama, 1989). Não penso desta forma. O que deve ser destacado, ao meu ver, é

⁴ Democracia plena é algo duvidoso no capitalismo. Arthur Schlesinger (1997) entende em sua visão de cunho determinista que a democracia para efetivar a sua existência necessita do capitalismo para se desenvolver. Será? E que garantia o capitalismo dá para a democracia? Não se pode negar, entretanto, que em relação ao socialismo autoritário, o capitalismo tem demonstrado uma maior possibilidade de liberdade intelectual e oposição política.

⁵ Trata-se de um conceito da teoria marxiana materialista da história que destaca que qualquer sistema econômico (ou modo de produção) é dividido em (i) superestrutura e (ii) estrutura econômica. Esta última, corresponde às relações de produção estabelecidas em conjunto com as forças produtiva enquanto àquela, ou a superestrutura, significa o modo de pensar ou a consciência social da sociedade. Conforme Marx a visão de mundo dominante em determinada época corresponde sempre à visão da classe dominante.

que com a queda do socialismo autoritário, principalmente após a derrocada do mundo soviético, o dólar extrapola o espaço do ocidente e o mundo, então, passa a ser conduzido sob uma situação de hegemonia estadunidense.

A base para o entendimento dessa derrocada do centralismo socialista é comentado em Cardoso (1944). Segundo este, os países do Leste Europeu foram incompetentes e acomodados por não perceberem as mudanças que já estavam sendo gestadas pelo desenvolvimento natural do capitalismo. O autor citado destaca que essas nações não estavam embutidas do espírito do iluminismo ou do globalismo, que já tomava conta das sociedades mundiais, mediante a intensificação de um casamento perfeito: ciência e tecnologia.

Espíritos do iluminismo ou do globalismo a parte, o entendimento que devemos ter é que, de fato, com a derrocada do socialismo, temos não a vitória das forças do mercado, da razão, do globalismo, ou do capitalismo neo-liberalista. Penso que o que ocorreu foi tão e somente a incorporação de uma nova fase no atual modo de produção capitalista. Nada mais. O destaque, ou se me permitem dizer, a novidade (mas não tão nova assim) foi o surgimento de vários problemas, como a questão do emprego, que passaram a se constituir no novo condicionante da Nova Ordem Mundial.

Qual o novo imperativo da Nova Ordem Mundial? O imperativo da Nova Ordem é a globalização, em que esta abandona o sistema bipolar da Guerra Fria e tenta emplacar um nível de poder baseado em um sistema unipolar. Com esta orientação tem-se a existência de uma única superpotência comandando o eixo do capitalismo mundial em seus inúmeros e conflitantes aspectos nos campos relacionados ao capital financeiro, tecnológico e produtivo.

Huntington (1998) não concorda com a leitura de que o processo de globalização esteja balizado em um mundo unipolar, onde somente os E.U.A tenham o poder de traçar o rumo do capitalismo mundial dos países desenvolvidos⁶ e emergentes⁷. Atribui que a atual ordem mundial está assentada em um sistema de poder unimultipolar, com uma única superpotência e várias outras grandes potências. Pode ser, pois também vejo coerência. Mas não gostaria de me deter por demais nessa discussão de polaridades mundiais.

Aceitemos o óbvio. Que óbvio? Que de uma forma ou de outra o processo da globalização comanda a humanidade e corresponde à grande faceta do atual estágio de acumulação do modo de

⁶ Entendo por países desenvolvidos os países ricos que extrapolam o universo do Grupo dos Sete mais industrializados. Considero os principais: E.U.A, Alemanha, Japão, Canadá, Reino Unido, França, Itália, Holanda, Bélgica e Espanha.

⁷ A categoria dos países emergentes utilizado neste trabalho corresponde aos países subdesenvolvidos que apresentam uma situação de elevada cumplicidade com o capital em sua fase adiantada. Os mais importantes que considero são: Coreia do Sul, Brasil, China, México, Argentina, Chile, Tailândia, Indonésia, Malásia e Filipinas. A Rússia corresponde a uma grande incógnita, pois tudo indica que está voltando a um processo de acumulação primitiva do capital.

produção capitalista, com elevada capacidade de aglutinar países ou regiões. Por si só, a proposta deste fenômeno é perpetuar e multiplicar o capital, onde a questão do lucro não ocorre de forma isolada, mas de forma sistemática e excludente. Para tanto e portanto, os únicos interesses refletidos na globalização é a reprodução ampliada da riqueza privada, por parte dos sedentos detentores dos meios de produção e da força de trabalho a nível global.

A ideologia da globalização, ante o exposto, é a ideologia do mercado livre, que é a própria negação do estado keynesiano, ainda que alguns pós-keynesianistas insistam em não admitir. Corresponde, deste mesmo lado, à descaracterização do Estado-Nação das regiões emergentes a partir do momento em que deprecia, no *strictu sensu*, o entendimento sobre a importância da política econômica (como veremos a frente) e do papel do espaço.

Na questão do espaço, Becker (1994) entende que o fenômeno da globalização processa-se de tal maneira entre os grandes conglomerados econômicos que afeta, de forma extrema, as relações sociais bem como as relação de poder, provocando, de forma perversa, o encolhimento das nações da parte do mundo não industrializado. Significa dizer que os ventos que sopram do globalismo processam-se mediante uma fantástica velocidade da informação, onde, a partir dessa situação, é engendrada, dialeticamente, a fragmentação do território nacional dos países (ou regiões) não desenvolvidos.

3. Globalização e os países ricos: uma lógica marxiana I

Em sua fase de inspiração sociológica, Cardoso conduz com propriedade a argumentação de que o desencadeamento do fenômeno da globalização, após o fim da Guerra Fria, representou a vitória da “racionalidade pura do mercado”, devido a uma série de fatores como o casamento da ciência, tecnologia e liberdade. Esses eventos, de seu ponto de vista, contribuíram acentuadamente para a concretização racional e ideológica da nova Ordem Mundial.

Discussões ideológicas a parte, o que se pretende dizer é que se existe alguma forma de racionalidade no processo de globalização (entendido enquanto o casamento da ciência, liberdade e tecnologia) esta, com efeito, sinaliza beneficiar muito mais os países desenvolvidos. São esses que aglutinam, capitaneado pelos Estados Unidos, todo nível de riqueza gerado pela força do trabalho humano dos países subdesenvolvidos.⁸

Se me permitem lamuriar, posso afirmar que jamais qualquer período histórico do capital foi tão generoso com os detentores dos aparatos financeiros e produtivos. Na época do capitalismo

⁸ Conforme Marx isso não é novidade, é verdade, pois desde o século XVI os países mais abastados de capital sempre usurparam os países subdesenvolvidos.

monopolista, por exemplo, a dependência induzida pelos países ricos sobre os países pobres não ocorria com elevada gravidade ou velocidade, posto que os mercados não eram tão interligados como atualmente. Ou seja, o capitalismo conduzido pela tríade E.U.A, Japão e Alemanha ainda não se apresentava inserido em um contexto de capitalismo avançado. Capitalismo avançado?

O que devemos entender por capitalismo avançado? O entendimento dessa categoria acredito que deva passar pelo materialismo dialético marxiano e, neste ponto, peço um pouco de sua paciência para o tratamento da questão sob uma breve ótica histórica. Acredito que aqui reside o alicerce ou o fulcro da análise que vai nos conduzir a um melhor entendimento do que seja a globalização.

No século XVI já estava bastante acentuada a desintegração do feudalismo e, a partir do mercantilismo⁹, como fruto da desintegração do Estado Feudal, passava a ser criado um marco para o capitalismo que pode ser expresso mediante a seguinte fórmula, entendida como o modelo geral do capital.

$$D \text{ ----- } M \text{ ----- } D'$$

Onde:

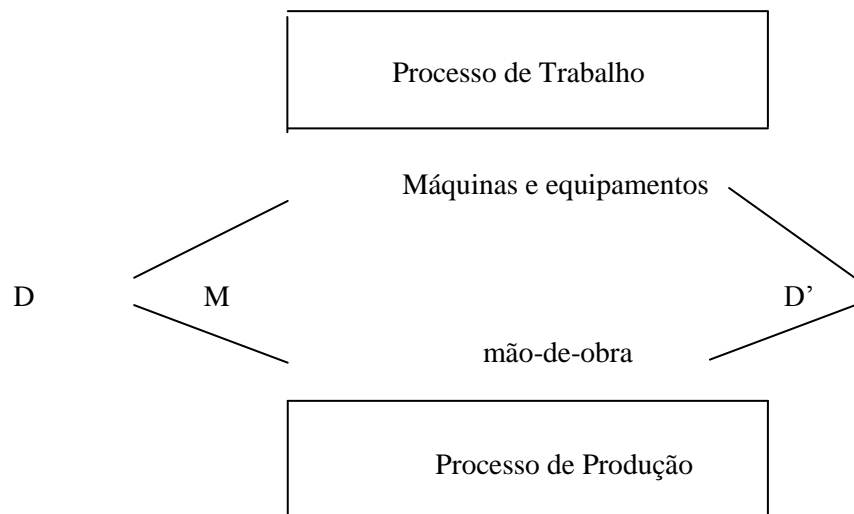
D = Dinheiro

M = Mercadoria

$D' = D + DD$, onde DD corresponde ao incremento da exploração da força de trabalho e D' seja o equivalente ao lucro do capitalista ou dinheiro acumulado.

Essa fórmula pode ser traduzida da seguinte maneira:

⁹ Corresponde à doutrina econômica que caracterizou o período histórico da revolução comercial dos séculos XVI a XVIII, marcado pela desintegração do feudalismo e pela formação dos estados nacionais. Mais a respeito vide: VILLAR, Pierre. *A transição de feudalismo para o capitalismo*. Rio de Janeiro, Ed. Eldorado, 1975.



Onde:

Máquinas e equipamentos somados à mão-de-obra representam o nosso M. Em M, que corresponde à mercadoria, encontramos os meios de produção que pode ser entendido como máquinas, equipamentos ou qualquer matéria-prima.

Máquinas e equipamentos somados à força de trabalho encontram-se, em nosso estudo, inseridos em um processo de trabalho. Ora, um computador, por exemplo, como um produto, somente se efetiva mediante a realização de um trabalho que tenha mão-de-obra disponível em abundância e matérias-primas.

Posto isso, é esse processo que irá realizar o lucro do capitalismo que ocorre em D' mediante outro processo – o de produção. O que devemos entender é que nas fases não avançadas do capitalismo, D', entendido como o lucro incessante do capitalista, já se processava com uma certa dinâmica de acumulação. O que equivale a dizer que em qualquer época do capitalismo D' sempre foi e será maior que D. E na globalização? Como se dá essa relação?

Sob a égide da globalização da economia, D' adquire um outro comportamento onde os termos de troca da relação entre os países desenvolvidos e suas grandes empresas elevam o lucro à estratosfera. Tanto faz que essa relação se realize em nível de capital financeiro ou produtivo. Diante do exposto podemos assinalar que nesta nova fase do capital, D' é acentuadamente superior a D. Ou seja, o dinheiro que aparece no processo final D-M-D' da produção é infinitamente superior ao que entrou, sendo D' o lucro acentuado.

É, portanto, sob o manto da globalização, onde D' é infinitamente superior a D, que se pode falar em capitalismo avançado, onde a lógica imposta dos países adiantados sobre os emergentes se estabelece através das acumulações que estão sendo efetuadas quase que, diariamente, nos ramos da tecnologia, microeletrônica e comunicação.

Com efeito, os países responsáveis e que se encontram às voltas das revoluções que estão sendo operadas no atual modo de produção, pelo espírito do globalismo de Cardoso (1994), localizam-se na Europa Ocidental, Japão e na América do Norte, mais precisamente na tríade Estados Unidos, Japão e Alemanha, principalmente no primeiro.

Pois bem. Após a nossa análise do processo marxiano D-M-D', podemos produzir, então, uma primeira aproximação do que deve ser entendido por globalização: corresponde a fase mais avançada do capitalismo e representa uma condição histórica específica do atual modo de produção necessário para a sobrevivência dos países desenvolvidos com destaque para os seguintes territórios econômicos: E.U.A, Canadá, Todos os países da União Européia e o Japão.

Quanto às crises que são impostas pelo globalismo e que atinge alguns países industrializados deve ser dito que, no mais, corresponde a apenas um desencadeamento próprio da dialética marxiana. Explico: a globalização, como a forma mais transparente e excludente do capital é um fenômeno extremamente seletivo de tal forma que já está feita a escolha. Que escolha? A escolha das tendências do imperativo tecnológico, financeiro, cultural e produtivo beneficiando apenas aqueles países dito acima.

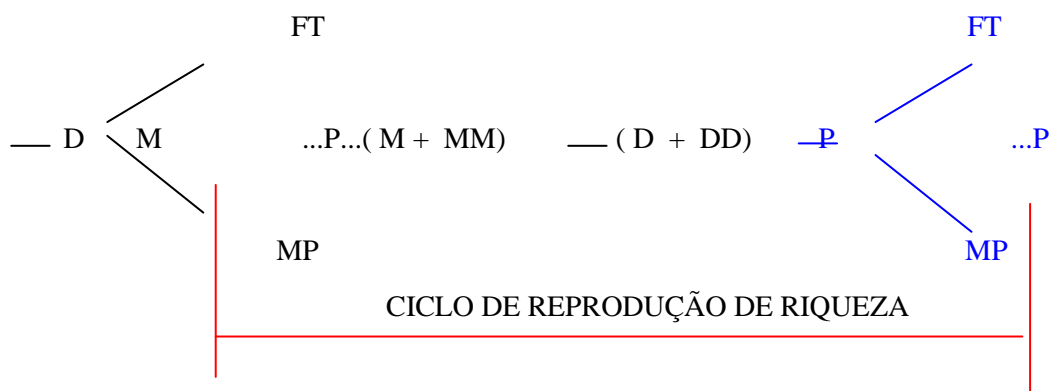
Equivale a dizer que apesar de algumas crises financeiras assolarem, vez por outra, alguns países da Europa e o Japão, não se pode dizer que o capital globalizado produza uma relação sinuosa entre os detentores das grandes empresas e do progresso tecnológico. Com efeito, penso que seja exagero atribuir "crise de capital" aos países que detém todo o processo de inovação tecnológica, pois possuem elevadas somas de poupança interna além de inúmeras firmas transnacionais responsáveis diretas pela desnacionalização da produção dos países emergentes.

O fatalismo da globalização, portanto, para os países ricos, é a certeza de que a locomotiva da acumulação capitalista vai avançar mais e mais com ou sem ambientes de crises, onde D' continuará correspondendo ao lucro geométrico, sinalizando, conseqüentemente, um maior enriquecimento dos detentores das grandes empresas estrangeiras. O cenário negativo é o agravamento não inconseqüente do capital no estabelecimento de desigualdades entre as nações desenvolvidas e as emergentes.

4. Países emergentes¹⁰: uma lógica marxiana II

Acredito que tenha deixado claro no segundo capítulo, o que foi o fim da Guerra Fria e o casamento unitário da ciência com a tecnologia que mais contribuíram, diretamente, para a derrocada do autoritarismo socialista do Leste Europeu. Também foi destacado que a interligação dessa tríade de fatores fez o mundo capitalista suplantar a Velha ordem, a qual era sustentada mediante um sistema de geopolítica bipolar. Nesta condição, a economia mundial não se encontrava interligada pela tecnologia e pelo capital.

Com a derrocada do socialismo autoritário, com o conseqüente fim da Guerra Fria somados à união da ciência com a tecnologia temos a emergência de uma nova ordem. Que ordem? A ordem mundial estabelecida pelo capital, onde sua realização acentuada ocorre somente para beneficiar os países detentores tanto de FT quanto de MP. Vejamos a seguinte condição.



Onde:

D = Dinheiro

DD = Excedente em Forma de Dinheiro

M = Mercadoria

MM = Excedente em Forma de Mercadoria

FT = Força de Trabalho

MP = Meios de Produção

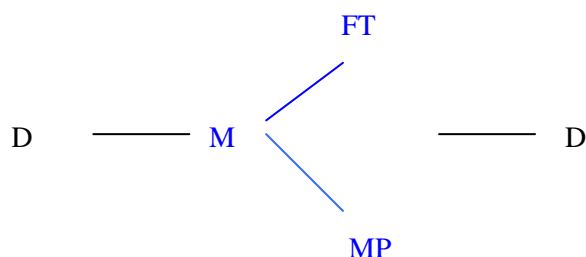
¹⁰ Do mesmo pensamento do autor destas linhas, no tratamento desta questão sobre globalização e países emergentes, existe o bom texto de Amin (1994). Entretanto, o caminho percorrido por Amin parte do pressuposto de que a globalização não é um fenômeno típico do atual estágio avançado do capital. Mas sim representa a própria história do processo de acumulação capitalista.

P = Consumo Produtivo

Esta fórmula identifica o processo da dinâmica natural do capitalismo em sua fase atual de globalização. Pode ser notado que o acréscimo de valor que ocorre em FT e MP vai desencadear em P a realização efetiva do excedente dos países capitalistas que, traduzido, representa o lucro global das nações industrializadas.

Quanto ao exposto, o que o futuro da acumulação parece reservar para países sem capital excedente (DD), sem capital tecnológico (MM) e sem poupança interna para gerar investimento (MP)? Existe algum nível de possibilidade para regiões deprimidas pelo processo de acumulação se tornarem parte da economia global? E a questão de emprego, como ocorre nesse nível de conflito entre DD, MM e MP?

Vamos começar pelo emprego. Conforme o pensamento marxiano, a questão do desemprego está ligada ao conflito técnico estabelecido entre Força de Trabalho (FT) e Meios de Produção (MP), que pode ser expresso mediante a seguinte relação:



M = Mercadoria

FT = Força de Trabalho ou Mão de Obra

MP = Meios de Produção como máquinas,
equipamentos, computadores, etc.

Até a época da Guerra Fria, FT e MP não apresentavam um conflito técnico acentuado que chegasse a extrapolar o universo do desemprego friccional.¹¹ Com a introdução da tecnologia, dos computadores, mediante a revolução na microinformática, essa condição adquire outra dimensão, onde MP inutiliza FT, avançando além do desemprego estrutural.¹²

¹¹ Corresponde ao desemprego normal na economia que ocorre por desajuste ou falta de mobilidade entre a oferta e a procura, quando empregadores com vagas desconhecem a existência de mão-de-obra disponível, enquanto trabalhadores desempregados desconhecem as ofertas reais de trabalho. O aceitável desta categoria de desemprego situa-se no patamar de 3%.

¹² Categoria de desemprego motivado pela elevada introdução da tecnologia nas relações de produção (MP).

Nos países desenvolvidos essa relação de $MP > FT$ é um fato concreto. Acontece que existe sempre um nível elevado de poupança interna que usa o casamento da ciência com a tecnologia para fortalecer o setor de serviços e induzir investimentos cada vez maiores no ramo industrial.

E nos países emergentes? Nos países emergentes $MP > FT$ adquire um contorno de elevada gravidade, pois, o que ocorre, é tão e somente a substituição do homem pela máquina sem reposição ou sem investimento em capital humano ou tecnológico. Com efeito, a globalização imposta pelo capitalismo nos países emergentes induz um MP infinitamente superior a FT acarretando uma elevada instabilidade nos campos econômicos e sociais.

Na verdade, a desigualdade econômica e social nos países emergente adquire uma proporção do nível observado em países quarteirados pelo capital como Guatemala¹³, Serra Leoa, Nigéria e Afeganistão. Nesse nível de imprevisibilidade, os países da Ásia estão isentos.

Os tigres ricos ou tigres grandes¹⁴(Coréia do Sul, Hong Kong e Taiwan) experimentaram, recentemente, a imprevisibilidade instaurada pela Nova Ordem Mundial. O saldo do *débâcle* econômico para esses países foi a agonia de seus sistemas financeiros e a exposição de uma fragilidade de política econômica que teimou em priorizar tão e somente o modelo exportador japonês.

No caso específico da Coréia, que corresponde à décima primeira economia mundial, a imposição da armadilha da globalização ocorreu mediante a impossibilidade do País saldar seus compromissos em curto prazo. Trata-se de um problema que vinha se agigantando desde meado de 1997, quando, então, as instituições financeiras e empresariais haviam contraído débitos que excediam em muito as reservas nacionais. Estava aberta o caminho para um quadro de letal ataque especulativo que, traduzido, resultou no tombo do maior tigre do Pacífico.¹⁵

Os tigres pobres, como Tailândia, Indonésia, Singapura e Filipinas, representantes legítimos da ASEAN (Associação das Nações do Sudeste Asiático) também agoniam na nova ordem do Capital. Agoniam mais que a Coréia do Sul, de uma forma somente comparada a um paciente que foi acometido de um prolongado ataque cardíaco. O grande erro dessas economias foi manter uma taxa de câmbio fixa de suas moedas em relação ao dólar (o equivalente ao *Currency board*) somado a um persistente e elevado déficit em conta corrente.

¹³ Para o nosso estudo a Guatemala não configura um país emergente ou terceiro mundista. Mas, sim, quarto mundista. Trata-se de um país historicamente desigual onde o nível das contradições do capital se impõe de tal forma que um executivo de uma empresa de porte médio chegam a ganhar 1.000 vezes mais do que um operário de baixo escalão.

¹⁴ Para o tratamento da problemática dos Tigres Asiáticos tento me aproximar da caracterização dada por Canuto (1998), onde, em sua visão, existem os tigres ricos e os tigres pobres. Ainda que anexada à China, Hong Kong corresponde, para a nossa análise, um tigre rico.

¹⁵ Na esteira de Canuto (1998) o autor destas linhas não percebe a China como um Tigre da Ásia. Vamos classificá-la, então, ainda conforme aquele, como um grande ganso. um grande ganso vermelho.

Com relação ao *Currency Board*, todos os países, com exceção da Argentina¹⁶ e Hong Kong, que atrelaram suas moedas ao dólar sucumbiram em dose dupla: primeiro, a moeda; depois, os setores produtivos nacionais. O resultado de tudo isso foi um incremento de conflitos nos campos econômicos e sociais. Penso que deveria ser dito, aos tigres pobres, que o êxito de um *Currency Board* depende fundamentalmente da credibilidade dos especuladores – como se esses tivessem algumas virtudes. Acredito, sinceramente, que a teoria do *Currency Board* fica bem melhor nos manuais de história econômica.

Garten (1998) destaca que a globalização foi, de fato, impiedosa para com todos os tigres pobres, de tal forma que suas rotinas, em termos de política econômica, é debater para não submergir. A indonésia, por exemplo, encontra-se a beira de uma revolução social e o mesmo quadro caótico, que começou na Tailândia, ameaça a se espalhar para o resto da Ásia (Felstein, 1998).

China? Ainda que a China esteja se incorporando ao movimento do capital em sua fase mais avançada (Tavares, 1998) a informação que se tem é que suas reformas econômicas estão sob grande pressão dos detentores de capital, devido à dramática queda das suas exportações. Tudo indica que os chineses acreditam que seu espaço econômico representa um porto seguro para a acumulação de riqueza dos países ricos. Talvez não seja exagero, mas, dá para se imaginar o colapso que a diminuição das exportações podem desencadear na economia chinesa caso não seja induzido um satisfatório nível de reservas para honrar os compromissos estrangeiros?

E a Rússia? Deve-se dizer, apenas, que a globalização, de forma impiedosa, impôs à sociedade bolchevista uma volta ao estágio da acumulação primitiva do capital. Nada poderia ser mais perverso. A queda livre representa não somente a agonia de um povo não experiente em prática de política econômica keynesiana, mas, principalmente, a pontencial reedição *a la Guatemala* do terrível furor do capital.

No geral, o que se pode depreender é que a globalização, de certa forma, torna-se implacável para com os países emergentes, ainda que se tenha alguns focos isolados de riqueza e de acumulação em algumas regiões. Posto isto, avancemos para uma outra questão. E países como a Guatemala, Nigéria, e Serra Leoa? O que dizer de seus desempenhos na economia globalizada?

¹⁶ Deve ser dito que a manutenção da paridade da moeda Argentina em relação ao dólar somente foi possível pela política econômica de comércio exterior posta em prática pelo Mercosul. Até dezembro de 1998 o Brasil, com sua moeda sobrevalorizada, beneficiava profundamente a economia Portenha, ainda que aquela estivesse igualmente sobrevalorizada. Com a “queda do Real” em Janeiro de 1999 não se pode mais afirmar que a Argentina continue a manter uma situação sustentável de *currency Board* no médio prazo, pois as reservas estão sangrando rapidamente. E caso se aumente os juros para atrair mais capital estrangeiro pode ser desencadeado tanto uma crise financeira como a volta da inflação. Em resumo, o *currency Board* é uma promessa falsa de política econômica em qualquer país emergente. Quanto à Hong Kong, este se debate dia após dia para não se ajustar à periférica economia chinesa. Na melhor das hipóteses, talvez termine seus dias que nem a Malásia ou Filipinas, pois penso que seja exagero conseguir tirar a China da zona das trevas do capitalismo.

Podemos perceber que a globalização, entendida como a grande transformação do capitalismo, preparou o caminho para o surgimento de uma nova categoria de subdesenvolvimento. Trata-se de um vasto quarto mundo, em que não se pode atribuí-los como inserido, ainda que de forma periférica, em um quadro marginal de globalismo.

Trata-se dos Países quarteirizados que não fazem parte da economia global em nenhum plano, pois os mecanismos de exclusão sempre estiveram acionados a tal ponto que, para esses territórios, não foi permitido realizar nem a primeira revolução industrial. Vivem na idade das trevas do modo de produção capitalista onde $FT = 1$ e $MP = 0$.

O impacto da globalização, portanto, para esses países totalmente desprovido de capital, de nulo aparato tecnológico e de gravíssima desigualdade social constitui o triste realismo de exclusão a que são submetidos os países da África (exceção para África do Sul), América do Sul (Bolívia e Colômbia) e América Central (Guatemala e Haiti).

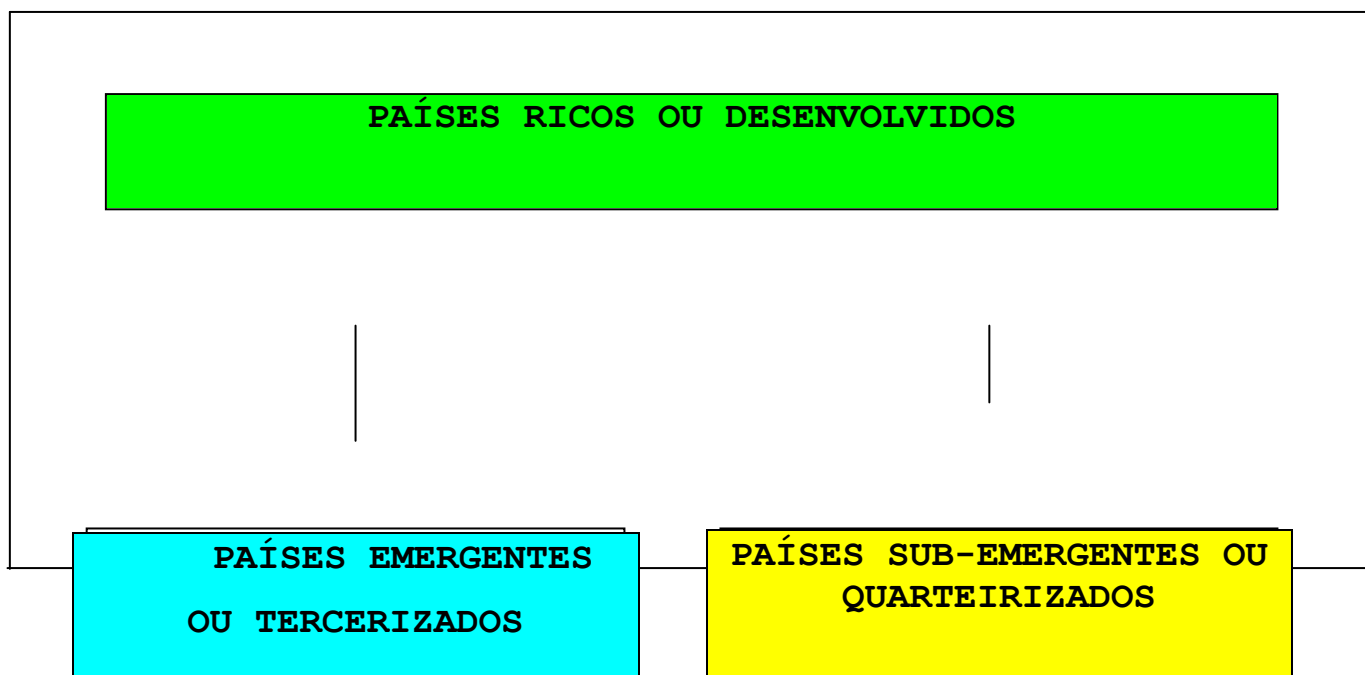
5. Considerações finais

O trabalho procurou dar uma contribuição do entendimento que se deve ter ao discutir a inserção do Brasil em um mundo globalizado, entendido este como uma fase altamente complexa do capitalismo, onde as relações de produção desenvolvidas se estabelecem de acordo com a vontade imperiosa do processo de acumulação dos países desenvolvidos. Com efeito, o autor destas linhas entende que as condições impostas pela globalização aos países emergentes como o Brasil se revela, de fato, de forma acentuadamente excludente.

Excludente no *strictu sensu* da palavra. No plano econômico, os principais países da América Latina como México, Argentina, Brasil e Uruguai vêm experimentando um agravamento no quadro de vulnerabilidade econômica e de desnacionalização em seus não tão dinâmicos aparatos industriais. No plano social, destaca-se a elevada taxa de desemprego e a piora das tensões sociais no Caribe, com destaque para Cuba.

A figura abaixo corresponde ao desenho da atual fase da globalização da economia, como representante legítima da nova ordem do capital, com destaque para a hierarquia que se estabelece, por imposição, entre os países no processo de acumulação.

FIGURA: GLOBALIZAÇÃO E OS PAÍSES EMERGENTES



O que se pode depreender no desenho é que, na atual ordem do capital, compreendida como o período da globalização da economia, mediante a utilização de um referencial marxiano e terceiro mundista, o mundo passa a ter uma nova configuração: (i) o mundo desenvolvido, com elevado nível de desenvolvimento; (ii) o mundo dos emergentes e (iii) os totalmente excluídos ou mundo quarterizado pelo capital.

No arremate, não seria o caso das nações emergentes e sub-emergentes tentarem repensar de que forma devem se inserir no atual estágio avançado do capital? Acredito que sim, pois, de fato, entendendo que a globalização, da forma como está exposta e capitaneada pelas empresas transnacionais estadunidenses, impõe um modelo de inserção internacional altamente avassalador para países dependentes de capital financeiro e tecnológico.

Referências

- AMADO, Adriana. Economias nacionais e economias regionais em um mundo globalizado. Brasília, *Texto para Estudo*, UNB, 1999.
- AMIM, Mário. *Globalização e países emergentes*. Belém, Paper do NAEA/UFPa, 1996.
- AMORIM, Celso. Os frágeis pilares da nova ordem. In: BAUMANN, Renato (Org.). *O Brasil e a economia global*. Rio de Janeiro, 1994.
- ARTHUR SCHLESINGER, Jr. Há futuro para a democracia? *Foreign Affairs*. Edição brasileira, n. 12 de setembro de 1997.
- BAUMANN, Renato. Uma visão econômica da globalização. In: BAUMANN, Renato (Org.). *O Brasil e a economia global*. Rio de Janeiro, 1994.
- BERTHA, k. Becker. Estado, Nação e Região no final do século XX. In: *A Amazônia e a crise da modernização*. Belém, MPEG, 1994.
- BRAGA, J. C. de Souza. O espectro que ronda o capitalismo. *Texto para discussão* n. 51. Unicamp, 1998.
- BRUNHOFF, Suzanne. *A hora do mercado: crítica do liberalismo*. São Paulo, editora da UNESP, 1991.
- BRZEZINSKI, Zbigniev. *Uma geoestratégia para a Eurásia*. Edição brasileira, n. 12 de setembro de 1997.
- CANO, Wilson. O debate econômico está muito confuso. Rio de Janeiro, *Jornal dos economistas*, 1998.
- CANUTO, Otaviano. A crise asiática. *Carta de Conjuntura*, CORECON-SP, janeiro/fevereiro 1998.
- _____. A crise coreana. *Folha de São Paulo*, 17 de janeiro de 1997.
- CARDOSO, F. Henrique. Relações Norte-Sul no contexto atual: uma nova dependência? In: BAUMANN, Renato (Org.). *O Brasil e a economia global*. Rio de Janeiro, 1994.
- DRUCKER, PETER F. *A economia global e o estado nacional*. *Foreign Affairs*. Edição brasileira, n. 12 de setembro de 1997.
- FELDSTEIN, Martin. Manual de auto-ajuda para os mercados emergentes. *Foreign Affairs*. Edição brasileira, n. 30 de março de 1999.
- _____. O FMI deve reformular sua atuação. *Foreign Affairs*. Edição brasileira, n. 18 de março de 1998.
- FRANKEL, Jeffrey A. A personalidade dividida de George Soros. *Foreign Affairs*. Edição brasileira, n. 30 de março de 1999.
- FUKUYAMA, Francis. *The end of history*. E.U.A, 1990.
- FUNABASHI, Yoich. Como reanimar a política externa do Japão. *Foreign Affairs*. Edição brasileira, n. 26 de novembro de 1998.
- FURTADO, Celso. Os desafios da globalização. *Folha de São Paulo*, 01.12.1996.

- GARTEN, Jeffrey. Lições para a próxima crise financeira. *Foreign Affairs*. Edição brasileira, n. 30 de março de 1999.
- GONÇALVES, Reinaldo. Globalização ou desnacionalização? Rio de Janeiro, *Jornal dos economistas*, 1998.
- HALE, David D. O FMI, agora mais do que nunca. Edição brasileira, n. 26 de novembro de 1998.
- HOBBSAWN, Eric J. *A era dos extremos*. Companhia das Letras, 1997.
- _____. A superpotência solitária. *Foreign Affairs*. Edição brasileira, n. 30 de março de 1999.
- _____. *O choque da civilização*. Rio de Janeiro, ed. Objetiva, 1997.
- IPEA. Desigualdades regionais: indicadores socioeconômicos nos anos 90. *Texto para discussão*. Rio de Janeiro, n. 460, 1997.
- LACERDA, Corrêa. Globalização e política econômica. *Folha de São Paulo*, 23.10.1995.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Tradução de Reginaldo Sant'anna. São Paulo. Ed. Bertrand Brasil S.A. 1994.
- MORAES, Rinaldo R. Globalização e seus impactos em países emergentes como o Brasil e em regiões periféricas como a Amazônia. *Texto para discussão n°2*, Belém, 1998.
- _____. Regionalização da globalização, Mercosul e seus impactos na Amazônia. *Texto para discussão n°3*, Belém, 1998.
- _____. Estado e dinâmica regional na era da globalização produtiva. *Texto para discussão n°7*, Belém, 1998.
- NETTO, A. Delfim. O desemprego é a âncora do Real. Rio de Janeiro, *Jornal dos economistas*, 1999.
- PEREIRA, A.Teixeira. A globalização da economia brasileira e a vulnerabilidade dos países emergentes. Rio de Janeiro, *Jornal dos Economistas*, 1998.
- SLAUGHTER, Anne-Marie. A verdadeira nova ordem mundial. *Foreign Affairs*. Edição brasileira, n. 12 de setembro de 1997.
- SOMMER, Mark. A desigualdade cresce no mundo globalizado. *Folha de São Paulo*, 08.10.1996.
- SOUZA, Herbert de. A miséria do capitalismo global. *Business Week*. G. M, 13.05.1996.
- SOUZA, J. Stênio. *A globalização e a lógica de desenvolvimento do capital*. Belém, UNAMA, 1998.
- SPAR, Debora L. A opinião pública e os lucros. *Foreign Affairs*. Edição brasileira, n. 30 de março de 1999.
- SWEEZY, Paul. O triunfo do capital financeiro. In: Revista *Novos Rumos*, 1995.
- TAVARES, M. da Conceição. *As armadilha da globalização*. Rio de Janeiro, 1998.
- _____. Hipótese cepalina e terceiro-mundista. Rio de Janeiro, *jornal dos economistas*, 1999.
- _____. *Tendências da globalização, crise do Estado Nacional e seus impactos sobre o Brasil*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1992.
- TSEPKALO, Valery. A nova configuração da Eurásia. *Foreign Affairs*. Edição brasileira, n. 30 de março de 1999.